

De uisur. o mais antigo tratado supérstite de oftalmologia do Ocidente

Henrique Cairus

Universidade Federal do Rio de Janeiro

hcairus@ufrj.br

Tradução do grego, introdução e notas
Henrique Cairus (UFRJ/USP)
hcairus@ufrj.br
www.lettras.ufrj.br/proaera

O que proponho aqui como tema sempre passou à margem dos estudos hipocráticos; não por falta de interesse no assunto, mas por carência documental. Por isso, vou começar pelo que creio que se pode chamar de história de uma quase ausência, plena, ela própria, de ausências e lacunas, as inevitáveis e as que ainda não pude preencher, por falta de engenho ou de arte.

Nosso *corpus* é, à primeira vista, um minúsculo tratado hipocrático. Um opúsculo que não ocupa, o texto em si, mais do que seis páginas na histórica edição de Émile Littré.

Ali, o que atraiu os primeiros historiadores da medicina para o tratado foi o fato de ele ser o mais antigo texto do que chamamos de oftalmologia. Apenas essa sua peculiaridade lhe garantiu algum valor num primeiro momento, nada mais.

O próprio Émile Littré, no penúltimo volume de sua edição do *Corpus hippocraticum*, delega o estudo desse tratado ao ilustre oftalmologista e entomólogo Frédéric Jules Sichel (1802-1868). Littré, de fato, é responsável por aquela que ainda é a mais completa edição do *Corpus hippocraticum*, com dez volumes, de grande erudição, com índices impecáveis e feita com um esmero inigualável. Esse *savant* francês, discípulo dissidente de Comte, cuidou da edição de todos os textos legados pela Antiguidade sob o nome de Hipócrates, independente da autoria ou da data de composição. Todos, menos o tratado *De uisu*.

Littré adverte o leitor com uma nota de rodapé:

O doutor Sichel desejou, na minha edição de Hipócrates, encarregar-se do livro Περὶ ὄψις, revisando o texto, traduzindo-o e comentando-o. Agradeço-lhe, assim, por associar seu trabalho ao meu. O leitor, que aqui nada perderá em relação ao conhecimento do grego, ganhará, em relação à história e à doutrina, tudo o que um mestre da oftalmologia pode dar. (LITTRÉ, 1861, p.122)

Mesmo aqui, onde Littré recorre ao “maître” da oftalmologia, ele parece estar

preocupado em assinalar o sua cuidado historiográfico, que creio ter sido desenvolvido em seu debate bibliográfico com Charles Daremberg, autor de outra edição de Hipócrates e da obra *La médecine: histoire et doctrines*.

Esse cuidado historiográfico contudo não encontra o mesmo esmero por parte de Sichel, que evidentemente está longe de compreender os escrúpulos teóricos de Littré.

Comentando o capítulo sétimo do trado Περὶ ὄψις, por exemplo, Sichel diz haver uma confusão, por parte dos antigos, entre os termos νυκταλωπία e ἡμεραλωπία, que, no entanto, não tem ocorrência no *Corpus hippocraticum*. Parece-me, antes, ser uma preocupação de corrigir a nomenclatura de seu tempo, tomando a do tratado por modelo.

A datação do Περὶ ὄψις é incerta. Alguns o consideram do final do séc. V a.C. ou do começo do IV. Mas é preciso dizer que há os que o datam de período bem posterior. De qualquer forma, o tratado não está referido na lista de Erotiano nem é citado ou comentado por Galeno. O que o encobre em uma misteriosa névoa.

Littré, em 1839, escrupulosamente classifica-o apenas como um tratado do *Corpus hippocraticum* que não se encontra referido pelos antigos. Não nega nem sua relevância potencial nem sua “dignidade” hipocrática. Jouanna, em 1992, se limita a dizer que, além dos que o veem como um texto do século V a.C. ou IV, alguns o consideram um tratado tardio.

Além do tamanho diminuto do tratado Περὶ ὄψις ou do que restou dele quem o pesquisa tem de lidar com um texto cujo grau de corrupção é tanto que é preciso reconhecer que sobre ele há mais dúvidas do que certezas.

Não fosse Sichel estar convencido de seu caráter fundador – ao menos para a oftalmologia – possivelmente nosso tratado nem lograsse figurar numa edição do *Corpus hippocraticum*. Sichel vai além: nota-lhe uma assombrosa “modernidade”; porquanto, segundo o “maître” da oftalmologia, descreve a granulação da pálpebra e sua terapia, o que se julgava uma descoberta recente à época de Littré e Sichel. Em outras palavras, o tratado tem valor em primeiro lugar porque antecipa em vários séculos uma descoberta que todos julgavam recente. Esse é o valor “doutrinal”, mas o valor histórico é logo explicado: “o estilo e o dialeto fazem reconhecer, nessas páginas mutiladas e desfiguradas, um autor da grande escola dos Asclepiádes, e talvez um

membro dessa família” (Littré *op. cit.*, p.123).

O primeiro estudioso a dar importância a esse tratado, no entanto, foi Espônio (Iacobus Sponius), que, no final do século XVII, contestou a canônica edição hipocrática de Gerônimo Mercurialis (Hieronymus Mercurialis), de 1584, que considerava o tratado *De uisu* completamente indigno de qualquer atenção.

A argumentação de Espônio tinha seu ponto máximo na referência que o tratado Περὶ παθῶν faz a um tratado sobre a visão, mas Fabrício, em sua edição de 1791, contesta:

Liber hinc de oculorum affectionibus, quem auctor libri Περὶ παθῶν se scripturum promiserat, hic de visu non est, quem Galenus non novit, neque Erotianus. Fragmentum alius libri esse videtur, et absque plurimo ordine scriptum¹.

Kühn, o histórico editor de Galeno, faz, em 1825, eco às palavras de Fabrício.

Sichel discorda de Fabrício e concorda com Espônio. Esse é mesmo o tratado prometido pelo autor do Περὶ παθῶν. Mas isso não é tudo, como veremos em breve.

O quinto capítulo do tratado Περὶ παθῶν – dedicado ao rólipo nasal – termina da seguinte maneira: Ταῦτα μὲν ὅσα ἀπὸ τῆς κεφαλῆς φύεται νουσήματα, πλὴν ὀφθαλμῶν ταῦτα δὲ ἰδίως γεγράφεται.

Pesa contra Espônio o fato de o tratado Περὶ παθῶν ser assaz humoral² para que possa fazer referência a um tratado tão pouco humoral, como o Περὶ ὄψιος. Por outro lado, para além das práticas catárticas – geralmente eméticas – que condizem com a teoria humoral, o Περὶ παθῶν apregoa terapias de incisão que de fato fazem lembrar as prescrições do Περὶ ὄψιος (ou vice-versa).

Sichel não tinha dúvidas: os dois tratados têm o mesmo autor. E, apesar dessa certeza, não aceita cegamente o depoimento de um escólio de Galeno, segundo o qual o autor do tratado Περὶ παθῶν é Pólipo, o genro de Hipócrates, o autor incontestado do Περὶ φύσιος ἀνθρώπου. Escrupulosamente Sichel rejeita o axioma do escoliasta que assim diz: Τοῦτο δὲ ὁ Γαληνὸς τοῦ Πολύβου λέγει εἶναι (Kühn XVI, p.3). É preciso aqui louvar o decoro filológico de Sichel e de

¹Esse livro sobre as afecções dos olhos, que o autor do livro *Das afecções* havia prometido escrever, não é este *De uisu* que Galeno não refere nem Erotiano. Parece ser um fragmento de outro livro e algo escrito sem muita ordem.

²Destaca-se aqui que esse tratado privilegia a etiologia fleumática, em detrimento da etiologia de complexidade humoral explicitada no Περὶ φύσιος ἀνθρώπου.

Littré. Muitos naquela época, como agora, não teriam resistido a aceitar essa honrosa autoria, ainda que fosse difícil explicar o que teria acontecido com a complexidade da teoria humoral de Pólibo.

A névoa filológica que envolve o Περὶ ὄψιος torna-se mais espessa quando se depara com o enigmático título que o manuscrito que a Biblioteca Laurentiana, de Florença, guarda do tratado, e no qual se lê, no códice 27 (Pluteus 74):

Τοῦ αὐτοῦ περὶ ὄψιος, λόγος κε΄

Ejusdem de visu liber XXV. Incipit Αἱ ὄψεις et desinit ποιέεσθαι.

É uma indicação inquietante, inspiradora, mas só isso. Os outros vinte e quatro livros anteriores, se existem, continuam perdidos. E o que temos é esse pequeno tratado e um título misterioso achado num catálogo, instigando a imaginação. A Atlântida oftalmológica.

Outro indício de tratado perdido é uma versão árabe de um tratado atribuído a Hipócrates. Desse longo texto médico, temos, além de dois manuscritos, o segundo, um codex de 1630 e o primeiro notadamente mais antigo. Em 1853, a pedido de Daremberg, Coxe entregou a Sichel e Littré cópia parcial desses manuscritos, e Sichel não os considerou “hipocráticos”, mas não deixou de registrar o seu sumário, mas “para que o leitor possa partilhar da opinião de que se trata simplesmente de um tratado árabe sobre as doenças dos olhos”. Lendo o sumário ali apresentado, nota-se, ao contrário, que se trata de uma valiosíssima fonte de informações sobre o pensamento hipocrático acerca da visão – talvez um texto baseado no perdido tratado sobre a visão – ou, em outra hipótese, do pensamento árabe sobre Hipócrates.

O tratado – ou o que sobreviveu dele – é, sem dúvida, breve. Dos nove capítulos que o compõem não há nenhum que se dedique à descrição do olho ou da visão. O primeiro sintagma é αἱ ὄψεις αἱ διεφθαρμέναι, o que direciona, desde as primeiras palavras, o texto para a patologia. Mas essa patologia é o azulado dos olhos, que, se escuro, é incurável e sobrevém de forma rápida, mas, se da cor do mar, a patologia chega devagar e os olhos διαφθείρονται. Esse verbo tão expressivo é compreendido por Sichel como “perder o seu aspecto normal”, o que indica certa recusa do sentido de degradação que o verbo de fato tem. E tal recusa parece-me

natural, uma vez que iniciar o tratado com uma patologia que nada mais é do que o azulado dos olhos não deve atender nem à expectativa da doutrina nem à da história.

O azul do mar nos olhos é incurável, mas o progresso da doença pode ser estancado com a κάθαρσις da cabeça e a cauterização das veias.

A cor azul que fica entre o escuro (κυανῖτις) e a cor do mar (θαλασσοειδής) é uma doença que, se acomete os muitos novos, a idade a purga por si. Quanto aos mais velhos de olhos dessa cor, aparentemente há uma lacuna no texto, repetida em todos os manuscritos e edições consultados por Sichel, e a solução proposta pelas edições, inclusive pela da Sichel, é a de interpretar a lacuna como a falta de algo intercalado, o que resulta na seguinte leitura:

ἦν δὲ πρεσβυτέρῳ ἐόντι γίγνωνται ἑτέων ἑπτὰ, [...] βέλτιον ὄρῃ.
se, no entanto, ocorre ao mais velho do que sete anos, [...] ele vê melhor.

Para adotar essa solução, creio que seria preciso entender esse “melhor” como “melhor do que aqueles que desenvolvem a doença antes”.

E quais são as consequências dessa doença dos olhos azuis? O tratado explica: o paciente vê objetos muito grandes e brilhantes, mesmo de longe, mas sem conseguir distingui-los nitidamente, e vê também o objeto que ele aproximar muito dos olhos, mas nada mais. O autor conclui o capítulo dos olhos azuis dizendo que, independentemente do tom de azul, é preciso purgar a cabeça e cauterizá-la, mas não é necessário tirar sangue.

Nos indivíduos jovens, de ambos os sexos, a cor dos olhos podia ser corrigida pela cauterização e pela escarnificação, se necessário. Mas a correção da cor dos olhos tem o objetivo único de curar o que o tratado chama de ὄμμα ἐν τοῖσιν ὀφθαλμοῖσι, a visão dos olhos, o que me parece ser uma expressão ambígua.

A insistência na terapêutica da cauterização e a frequência relativamente baixa da κάθαρσις leva a crer que o tratado seja mesmo tardio, mas o dialeto faz essa tese claudicar. O jônico, ali, parece tão espontâneo quanto “hipocrático”. O capítulo 3, em especial, é uma detalhada descrição do processo de cauterização do vestíbulo ocular.

Os outros capítulos oferecem um pequeno catálogo de algumas doenças dos olhos, sempre seguidas de sua terapêutica: granulações das pálpebras, granulações sarcomatosas, oftalmias com erosão (úlceras oftálmicas?), fotofobia, amaurose (que deve ser tratada com trepanação), oftalmia epidêmica.

Esse último é sem dúvida o mais hipocrático dos capítulos, pois caracteriza a doença pelo tempo e privilegia a purgação e a dieta como terapia. Além disso, é claro e explicativo. Naturalmente destoa dos outros. Como do capítulo sétimo, por exemplo, dedicado a nictalopia, que identificamos com a fotofobia. A cura para esse mal é a aplicação de ventosas no pescoço. Tantas quanto couberem. Depois, deve-se comer uma ou duas vezes um fígado de boi. Cru, o mais inteiro possível, mergulhado no mel.

A definição de νυκταλωπία pode ser tomada do tratado *Prorrético* (2,33), que lhe dedica um capítulo muito mais explicativo e claro do que o *De uisu*. O autor do *Prorrético* começa assim seu pequeno discurso sobre a νυκταλωπία: οἱ δὲ τῆς νυκτὸς ὀρῶντες, οὓς δὴ νυκτάλωπας καλέομεν, οὗτοι ἀλίσκονται ὑπὸ τοῦ νοσήματος νέοι. Assim como o *De uisu*, o *Prorrético* relaciona a nictalopia com a lágrima.

Pode-se diferenciar dois tipos de enfermidades dos olhos no tratado: as enfermidades da ὄψις e as enfermidades do ὄμμα ἐν τοῖσι ὀφθαλμοῖσι, as doenças do olho e as da visão.

As doenças estão em trecho tão lacunoso, que parece evidenciar que o que temos é mesmo uma pequena parte de um grande tratado. O que se pode perceber desse pequeno trecho, dois dos nove capítulos de que dispomos, é que essas doenças são descritas pelo que se vê delas, descritas de forma mimetizada ou por símiles, como no raro adjetivo θαλασσοειδής, olhos como o mar.

Se nos agarrarmos na promessa do *Prorrético* II e na informação da Biblioteca Laurentiana, talvez encontrássemos aí uma explicação para tanta incoerência no tratamento que o *Corpus hippocraticum* dá aos olhos.

De fato, o tratado Περὶ τέχνης dedica boa parte de seu discurso epidítico à argumentação acerca do valor dos δῆλα, a partir dos quais se constroem os ἄδηλα, como, no livro VI da República de Platão, os ὀρατά, responsáveis pela formação da δόξα, são passo fundamental para a construção dos νοητὰ ἀόρατα, formadores da ἐπιστήμη. No tratado hipocrático Περὶ τέχνης, contudo, há nos δῆλα um potencial de verdade com o qual não creio que Platão concordaria.

Ainda que o adjetivo δῆλος não se refira exclusivamente à visão, mas sim a todos os sentidos, sua primeira acepção aponta para uma soberania da αἴσθησις visual em relação aos outros sentidos.

Para além da linguagem comum em que a ideia de saber é expressa pelo pretérito perfeito do verbo “ver”, o próprio tratado Περὶ τέχνης termina assim: τὴν πίστιν τῷ πλήθει, ἔξ ὧν ἂν ἴδωσιν, οἰκειοτέραν ἠγεύμενοι ἢ ἔξ ὧν ἂν ἀκούσωσιν [a fé do público que provém do que vêem é mais íntima do que a que provém do que ouvem].

Esse adágio é considerado um *tópos* discursivo, talvez característico de preleções públicas, e, de fato, o encontramos, com formato um tanto diverso, em outros autores, mas essencialmente o mesmo. Podemos ver expresso o mesmo pensamento no fragmento DK 101 de Heráclito, citado por Políbio (XII,27) que considera que os principais ὄργανα são a audição e a visão, mas imediatamente fundamenta uma ressalva, citando o heraclítico: ὀφθαλμοὶ γὰρ τῶν ὤτων ἀκριβέστεροι μάρτυρες. Heródoto, autor da mais longa ἀπόδεξις ἱστορίας, no famoso episódio em que Candaules insiste que Giges veja a sua mulher nua, justifica a insistência com esse *tópos*, talvez em uma de suas formas mais tradicionais: ὅτι γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισιν ἐόντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν.

Em Tucídides, a mesma ideia se repete, mas a palavra é ὄψις. No livro I de sua Guerra do Peloponeso, quando os atenienses querem menosprezar os argumentos que os lacedemônios embasam em fatos para eles muito antigos, perguntam: καὶ τὰ μὲν πάνυ παλαιὰ τί δεῖ λέγειν, ὧν ἀκοαὶ μᾶλλον λόγων μάρτυρες ἢ ὄψις τῶν ἀκουσομένων; (Tuc., I, 73, 1) [por que se deve evocar fatos muito antigos dos quais são testemunhas mais as audições dos discursos do que a visão dos que nos ouvem?]. A partir dessa pergunta, tudo o que recebeu a numeração de capítulo 73 procura aplicar a máxima ao caso do discurso dos espartanos.

Com todas essas evidências de que não só o dito, mas também a ideia de que havia uma hegemonia do olhar sobre os outros sentidos, especialmente sobre a audição, foi um autor da Antiguidade tardia, o orador Dion de Prusa (ou Dion Crisóstomo, c.40-c.120), o único a assinalar o caráter paremiaco do dito: καὶ δὴ τὸ λεγόμενον, ὡς ἔστιν ἀκοῆς πιστότερα ὄμματα, ἀληθὲς ἴσως (XII, 71) [de fato, o dito segundo o qual “os olhos são mais confiáveis do que a audição” é igualmente verdadeiro].

A primazia da visão sobre os demais sentidos não condiz, é claro, com a dimensão e com a extensão do único tratado hipocrático dedicado ao olho, sobretudo se considerarmos a parte

nele dedicada à visão. Se reunirmos todas as informações, descrições e prescrições relacionadas ao tema espalhadas pelo *Corpus hippocraticum*, seguramente teremos um volume de dados muito maior do que os contidos nesse tratado.

Uma vez que o Περὶ ὄψιος não é nem dietético nem farmacológico nem epidítico nem ético, mas sim um manual de procedimentos de manobras, torna-se difícil localizá-lo no tempo e no espaço. Uma certa dietética do último capítulo, com a recomendação da ingestão do fígado bovino, poderia levar-nos a crer que se trata de um texto de um autor com alguma familiaridade com a Escola de Cós, mas a frequência das prescrições de manobras, especialmente de manobras cirúrgicas, fazem-me pensar numa medicina tardia, contra a qual pesam o estilo e o dialeto. Note-se, por exemplo, θαλασσοειδής em vez de θαλασσώδης, entre outras marcas fundamentais para a datação, mas que colidem com a tendência cirúrgica do tratado.

O tratado *De uisu* – ou o que nos restou dele – por menor que seja, continua a ser uma peça intrigante com informações ocultas sob cada palavra, sob cada silêncio. Seu estilo, tão diferente dos demais tratados do *Corpus hippocraticum*, sugere que aceitemos ser ele o que diz o documento da Biblioteca Laurentiana: o vigésimo quinto livro de uma obra sobre a visão. E, ainda assim, é o único documento que a Antiguidade grega nos legou exclusivamente sobre um tema que lhe é tão caro: o olhar.

1. As vistas que se deterioram tornam-se, por si mesmas, azuladas e assim ficam de repente, não há cura específica. As vistas que se tomaram o aspecto do mar desde quando [a pessoa era] pequena deteriora-se em longo tempo, e frequentemente o outro olho longo tempo depois se deteriora. A esses [males], é preciso purgar⁴ a cabeça e queimar as veias, e, se são tratados desde o princípio desses [males], o mal não avança para o pior. As que ficam entre as vistas azuladas e aquelas com aspecto de mar, se ocorrem no que é jovem, estacionam quando este fica mais velho. Se ocorre, contudo, àquele que é mais velho do que a idade de sete anos, este vê melhor. Vê coisas grandes e luminosas, e que estejam na sua frente, mas não as vê claramente, e o que quer que se lhe coloquem muito próximo dos olhos, isso, mas nada senão isso.

2. Quanto à visão nos olhos⁵, a vista estando sã nas pessoas mais novas, sejam elas mulheres, sejam homens, de nada vale fazer o que quer seja, até que o corpo ainda não tenha crescido [tudo]. Enquanto, porém, ainda não cresceu, observando o olho, [é preciso] tornar mais leve a pálpebra, escarificando, se achares ainda necessário, e cauterizando por dentro, mas com [instrumentos] não quentes demais⁶.

3.⁷ Em seguida, sentando-se, ao alongar as coxas, numa cadeira, sobre a qual o apoiando-o com as mãos, que o segure pelo meio [do corpo]. Em seguida, [deve-se] assinalar as

³A edição usada é a que se encontra em Littré (1861) e que já foi comentada. As únicas discordâncias de estabelecimento estão claramente indicadas.

⁴καθαίρειν

⁵ὄμμα ἐν τοῖσιν ὀφθαλμοῖσι

⁶μὴ διαφανέσιν – segui, aqui, o sentido que se lhe atribui em Heródoto (II,92), quando o historiador, falando do Egito e de seu papiro, refere-se à iguaria que os egípcios faziam com a parte inferior dessa planta: ἐν κλιβάνῳ διαφανεῖ πνίξαντες οὕτω τρώγουσι (fazendo[-os] assar abafados e [os] comem). O *Corpus hippocraticum* é abundante em ocorrências em que διαφανής irrefutavelmente significa “muito quente” ou “quente como a brasa”. A expressão se repete no cap.5.

⁷Uma lacuna nos manuscritos e certa falta de nexos fizeram com que vários editores, entre os quais Ioannes Antonides van der Linden (1665), omitissem o capítulo 3.

veias dorsais e observar as de trás. Em seguida, [deve-se] queimar com ferro espesso e esquentar lentamente, a fim de que, ao queimar, não jorre sangue. Que o sangue seja tirado antes, se parecer oportuno. Deve-se queimar para trás, em direção ao osso. Em seguida, colocando dentro [do ponto queimado] uma esponja embebida em azeite, deve-se queimar mais profundamente, mas não tão profundamente que atinja o próprio osso. Se a esponja aderir ao cautério, deve-se queimar profundamente colocando-se por dentro outra esponja mais engordurada. Em seguida, colocar sobre as escaras o *arum*⁸ [embebido] em mel. Quando queimares ao lado ou através de uma veia, ao cair a escara, a veia se estende da mesma forma [que antes] e pulsa e parece cheia, e bate quando o [sangue] flui a partir de baixo. Se a parte de baixo for atravessada pela cauterização, tudo terá menos consequências⁹. É preciso queimar novamente, se não tiveres queimado [suficientemente] na primeira vez. As esponjas devem queimar fortemente por dentro, sobretudo perto das veias de fluxo. As escaras, principalmente as estorricadas, soltam-se rapidamente. As cicatrizes de queimaduras perto dos ossos tornam-se mais belas. Quando as feridas se tornam sãs, novamente [as veias] pulsam, se elevam, avermelham-se mais do que outra [parte] e parecem como que saltadas, até que o tempo sobrevenha. Igualmente quando se cauteriza a cabeça, o peito e outra parte qualquer do corpo.

4. Quando escarificares as pálpebras do olho, debes escarificar (depois queimar), enrolando em torno de um fuso uma lã de Mileto¹⁰, felpuda¹¹ e pura, protegendo a ‘coroa’¹² do olho e não queimando por entre a cartilagem. O sinal de que não é preciso a escarnificação é quando já não sai mais sangue rutilante, mas um *ikhōr*¹³ sanguinolento ou aquoso. É preciso,

⁸ Lineu (*Systema vegetabilium secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus et differentiis* [1797]. 1028,13). *Arum maculatum*: *acaule, fol. hastatis integerrimis, spicis clavato*. Ver ilustração. Sichel interpreta assim o nome ἄρον. O dicionário de Liddell identifica o termo com a planta co-irmã *Arum italicum* (não catalogada por Lineu), baseando-se na oposição que Galeno propõe -- e Oribásio (11,A,64) repete -- entre as propriedades do *Arum italicum* às do (*Arum*) *dracontium* ([ἄρον] δρακόντιον) (Kühn,11,839). Pode-se encontrar indicação do ἄρον para males análogos no tratado hipocrático *Das úlceras* (Littre12 e 16).

⁹ Passagem de compreensão assaz controversa, na qual, entretanto, não há significativas discordâncias entre as fontes manuscritas.

¹⁰A lã de Mileto era muito reputada por sua excelente qualidade. Aristófanes, por exemplo, se refere a ela em *Lisístrata* (729) e nas *Rãs* (542).

¹¹οὔλος - adjetivo de tradução difícil, posto que pode significar “intacta” (o que conviria ao sentido do adjetivo que o acompanha: καθαρός) ou, por outro étimo, “enovelada”, “crespa”, “felpuda”. Minha opção está fundamentada na característica fundamental da famosa lã de Mileto; no entanto, não se pode desconsiderar as outras possibilidades.

¹² Em Galeno (Kühn, 4,532), o termo refere-se claramente à íris. Mesmo assim, não se pode assegurar o significado do termo nesta passagem.

¹³ ἰχώρ - humor aquoso, ou parte serosa do sangue. Em outros contextos, ἰχώρ é o humor que circula às veias dos imortais onde, nos homens, corre o sangue.

então, esfregar fortemente com algum dos remédios líquidos em que haja a flor do cobre¹⁴. Depois da escarnificação e da cauterização, quando as escaras caírem e as feridas estiverem limpas e brotarem, é preciso cortar com um corte através da região parietal. Quando, porém, o sangue para de escorrer, é preciso untar com o remédio [ainda] ensanguentado. Depois de feito isso, como [depois de] todas as ações, deve-se purificar a cabeça.

5. Quando as pálpebras são mais espessas do que o natural, procedendo à ressecção da parte inferior da carne, corte as partes mais fáceis [de ser cortadas], e, depois, é preciso cauterizar com instrumentos não muito quentes, protegendo a natureza dos pelos, ou cobrir finamente com a flor [do cobre] cozida. Quando cair a escara, deve-se curar as partes restantes.

6. Quando as pálpebras têm sarna¹⁵ e coceira, tendo macerado um pouco de flor de cobre com um pedaço de pedra, esfregando-o em seguida em suas pálpebras, deve-se macerar a escama de cobre o mais finamente [possível]. Em seguida, derramando-lhe suco de uvas verdes filtrado e esfregando-o¹⁶ suavemente, derramando o resto de dentro de um [vaso] de cobre vermelho, deve-se esfregar superficialmente um pouco, até que tenha a consistência de uma papa¹⁷. Em seguida, quando secar, deve-se usá-lo esfregando suavemente.

7. Remédio para a nictalopia: que se beba o elatério¹⁸, que se purgue a cabeça, tendo feito o máximo de incisões e pressionado o pescoço pelo maior tempo possível. Depois de algum tempo, é preciso dar para (a pessoa) tomar¹⁹ um fígado bovino cru, o maior possível, mergulhado no mel uma ou duas vezes.

¹⁴ ἄνθος χαλκοῦ (*chalcanthum*) – “flor do cobre” – escória que desloca do cobre derretido.

¹⁵ ψωριῶν – ‘tem sarna’ – expressão metonímica que preferi preservar tal qual parece pesar semanticamente em grego.

¹⁶ Guiado pelo contexto, traduzi aqui por ‘esfregar’ o verbo τρίβω, pouco acima traduzido por ‘macerar’.

¹⁷ μυττωτός – um tipo de purê feito de azeitonas negras e dentes de alho (geralmente para acompanhar guisados de aves), e, por extensão, ‘purê’, ‘papa’.

¹⁸ *Momordica elaterium* (nome vulgar: pepino-de-São-Gregório). Era uma planta venenosa terapeuticamente usada em dosagens muito baixas para efeito de catarse emética. Ver a ilustração. A planta está classificada por Lineu.

¹⁹ O termo é καταπιεῖν, que seria melhor traduzido por ‘devorar’, ‘sorver com ímpeto’.

8. Se [ocorrer] a alguém que, os olhos sendo saudáveis, a vista se perca, nessa pessoa é preciso proceder a um corte na região parietal, esfolar, trepanar o osso, e curar, evacuando a hidropisia. E assim [as pessoas] se tornam sãs.

9. Na oftalmia anual e epidêmica, é útil a purgação da cabeça e do baixo ventre. E, se o corpo [da pessoa] permitir, a retirada de sangue é útil para algumas [doenças] desse tipo, bem como as ventosas nas veias. A comida: pouco pão; a bebida: água. Deve deitar-se em lugar escuro, afastado da fumaça, do fogo e das outras coisas reluzentes, de lado, às vezes do lado direito, outras vezes do lado esquerdo. Não se deve umedecer a cabeça, pois isso não é útil²⁰. Cataplasma não é útil na [lesão] indolor que não for interna, como [o é] na fluxão persistente. Nos inchaços indolores e depois dos medicamentos adstringentes besuntados para dor, quando a dor cessar depois da unção do remédio, então é útil aplicar os cataplasmas que te parecerem mais úteis. Não é útil que [a pessoa] olhe fixamente por muito tempo, pois isso provoca lacrimação, não podendo o olho suportar estar diante de nada rutilante; mas não deve fechar [os olhos] por muito tempo, sobretudo se houver uma fluxão quente, pois a lágrima retida esquenta [o olho]. Mas, tendo fluxão, é útil fazer unção com um medicamento seco.

FIM DO *SOBRE A VISÃO*

ΠΕΡΙ ΟΨΙΟΣ

1. Αἱ ὄψεις αἰ διεφθαρμέναι, αὐτόματοι μὲν κυανίτιδες γιγνώμεναι, ἕξαπίνης γίνονται, καὶ ἐπειδὰν γένωνται, οὐκ ἔστιν ἴησις τοιαύτη. Αἰ δὲ θαλασσοειδέες γιγνώμεναι, κατὰ μικρὸν ἐν πολλῷ χρόνῳ διαφθείρονται, καὶ πολλάκις ὁ ἕτερος ὀφθαλμὸς ἐν πολλῷ χρόνῳ ὕστερον διεφθάρη. Τουτέου δὲ χρῆ καθαίρειν τὴν κεφαλὴν καὶ καίειν τὰς φλέβας· κὴν ἀρχόμενος θεραπευθῆ ταῦτα, ἴσταται τὸ κακὸν καὶ οὐ χωρεῖ ἐπὶ τὸ φαυλότερον. Αἰ δὲ μεταξὺ τῆς τε κυανίτιδος καὶ τῆς θαλασσοειδοῦς, ἣν μὲν νέω ἔοντι γένωνται, πρεσβυτέρῳ γενομένῳ καθίστανται· ἣν δὲ πρεσβυτέρῳ ἔοντι γίγνονται ἐτέων ἑπτὰ, βέλτιον ὀρῆ· τὰ μεγάλα δὲ

²⁰A posição enfática, no texto grego, sugere a tradução “é prejudicial”. Preferi, no entanto, algo mais literal.

πάνυ καὶ λαμπρὰ, καὶ ἀπὸ πρόσθεν, ὀρῆ μὲν, σαφῶς δὲ οὐ, καὶ ὅ τι²¹ ἂν πάνυ πρὸς ἑωυτὸν τὸν ὀφθαλμὸν προσθῆ, καὶ τοῦτο, ἄλλο δὲ οὐδέν. Ξυμφέρι δὲ τουτέῳ κάθαρσις τε καὶ καῦσις τῆς κεφαλῆς· αἷμα δὲ τουτέοισιν οὐ ξυμφέρι ἀφιέναι, οὔτε τῇ κυανίτιδι, οὔτε τῇ θαλασσοειδεῖ.

2. Καὶ τὸ ὄμμα ἐν τοῖσιν ὀφθαλμοῖσι, τῆς ὀψιος ὑγίεος οὔσης τῶν νεωτέρων ἀνθρώπων, ἦν τε θήλεια ἢ ἦν τ' ἄρσην, οὐκ ἂν ὠφελείης ποιέων οὐθέν, ἕως ἂν αὔξηται τὸ σῶμα ἔτι. Ὅταν δὲ μηκέτι αὔξάνηται, αὐτέῳ τῷ ὀφθαλμῷ σκεψάμενος τὰ βλέφαρα λεπτύνειν, ξύων, ἦν δοκῆ προσδέεσθαι, καὶ ἐπικαίων ἐνδοθεν μὴ διαφανέσιν.

3. Ἐπειτα ἀναδήσας, τὰ σκέλεα ἐκτείνας, δίφρον ὑποθεῖς ἐφ' οὗ²² στηρίζεται τῆσι χερσί· μέσον δὲ τις ἐχέτω. Ἐπειτα διασημήνασθαι τὰς νωτιαίας φλέβας, σκοπεῖν δὲ ὀπισθεν. Ἐπειτα καίειν παχέσι σιδηρίοισι καὶ ἡσυχίῃ διαθερμαίνειν, ὅκως ἂν μὴ ῥαγῆ αἷμα καίοντι· προαφιέναι δὲ τοῦ αἵματος, ἦν δοκῆ καιρὸς εἶναι. Καίειν δὲ πρὸς τὸ ὀστέον ὀπισθεν. Ἐπειτα ἐνθεῖς σπόγγον ἠλαιωμένον ἐγκατακαίειν, πλήν τοῦ πάνυ πρὸς αὐτῷ τῷ ὀστέῳ· ἦν δὲ προσδέχεται τῷ καυστηρίῳ τὸ σπόγγιον, ἕτερον λιπαρώτερον ἐνθεῖς ἐγκατακαίειν. Ἐπειτα τοῦ ἄρου ἐν μέλιτι δεύων, ἐντιθέναι τῆσιν ἐσχάρησιν. Ὅταν δὲ φλέβα παρακαύσης ἢ διακαύσης, ἐπειδὰν ἐκπέση ἐσχάρη, ὁμοίως τέταται ἢ φλὲψ καὶ πεφύσηται καὶ πλήρης φαίνεται, καὶ σφύζει ὅτε κάτωθεν τὸ ἐπιρρέον· ἦν δὲ διακεκαυμένος ἢ ὁ κάτωθεν, ταῦτα πάντα ἦσσον πάσχει. Διακαίειν δὲ χρὴ αὔθις, ἦν μὴ τὸ πρῶτον διακαύσης· τά τε σπόγγια χρὴ ἰσχυρῶς ἐγκατακαίειν, πρὸς τῆς ῥεούσης φλεβὸς μᾶλλον. Αἱ ἐσχάραι αἱ μᾶλλον ὀπτηθεῖσαι τάχει ἐκπίπτουσιν. Αἱ καιόμεναι οὔλαι πρὸς τὸ ὀστέον καλλίονες γίνονται. Ἐπειδὰν δὲ τὰ ἔλκεα ὑγία γίνονται, αὔθις ἀναφυσῶνται καὶ ἐπαίρονται, καὶ ἐρυθραὶ εἰσι παρὰ τὸ ἄλλο, καὶ ὡσπερ ἀναιρησόμενα φαίνονται, ἕως ἂν χρόνος ἐπιγένηται· καὶ κεφαλῆς καυθείσης καὶ στήθεος, ὁμοίως δὲ καὶ παντὶ τῷ σώματι ὅκου ἂν καυθῆ.

4. Ὅταν δὲ ξύης βλέφαρα ὀφθαλμοῦ, ξύειν [εἶτα καίειν] εἰρίῳ Μιλησίῳ, οὔλῳ, καθαρῷ, περὶ ἄτρακτον περιειλῶν, αὐτὴν τὴν στεφάνην τοῦ ὀφθαλμοῦ φυλασσόμενος, μὴ διακαύσης πρὸς τὸν χόνδρον. Σημεῖον δὲ ὅταν ἀπόχρη τῆς ξύσιος, οὐκ ἔτι λαμπρὸν αἷμα ἐξέρχεται, ἀλλὰ ἰχώρ αἱματώδης ἢ ὑδατώδης. Τότε δὲ χρὴ τινι τῶν ὑγρῶν φαρμάκων, ὅκου ἄνθος

²¹Sichel demonstra fidelidade às leituras tradicionais de seu manuscrito base (o famoso 2142 de Paris), preferindo, assim, não dar eco aos editores que o precederam, embora estes não estivessem pouco respaldados em sua opção. Creio, enfim, que ὅ τι tem mais cabimento sintático do que ὅτι, como quer Sichel. Acompanho, pois, aqui a edição de Robert Joly (1978)

²² Preferi aqui a opção de Ioannes Antonides van der Linden (ἐφ' οὗ), em detrimento da escolha de Sichel (ἀφ' οὗ). Aqui, afasto-me, por conseguinte, da edição de Joly.

ἐστὶ χαλκοῦ, τουτέῳ ἀνατρίψαι. Ὑστερον δὲ τὸ τῆς ξύσιος καὶ τὸ τῆς καύσιος, ὅταν αἱ ἐσχάροι ἐκπέσωσι καὶ κεκαθαρμένα ἢ τὰ ἔλκεα καὶ βλαστάνη, τάμνειν τομὴν διὰ τοῦ βρέγματος. Ὅταν δὲ τὸ αἷμα ἀπορῥύη, χρὴ διαχρίειν τῷ ἐναίμῳ φαρμάκῳ. Ὑστερον δὲ τουτέου ἔργον καὶ πάντων τὴν κεφαλὴν καθῆραι.

5. Τὰ βλέφαρα τὰ παχύτερα τῆς φύσιος, τὸ κάτω ἀποταμῶν τὴν σάρκα ὀκόσῃν εὐμαρέστατα δύνῃ, ὕστερον δὲ τὸ βλέφαρον ἐπικαῦσαι μὴ διαφανέσι, φυλασσόμενος τὴν φύσιν τῶν τριχῶν, ἢ τῷ ἄνθει ὀπτῶ λεπτῶ προστεῖλαι. Ὅταν δὲ ἀποπέσῃ ἢ ἐσχάρα, ἰητρεύειν τὰ λοιπά.

6. Ὅκοταν δὲ βλέφαρα ψωριᾶ καὶ κνησμὸς ἔχη, ἄνθος χαλκοῦ βῶλιον πρὸς ἀκόνην τρίψας, ἔπειτα τὸ βλέφαρον ἀποτρίψας αὐτέου, καὶ τότε τὴν φολίδα τοῦ χαλκοῦ τρίβειν ὡς λεπτοτάτην· ἔπειτα χυλὸν ὄμφακος διηθημένον παραχέας καὶ τρίψας λεῖον, τὸ δὲ λοιπὸν ἐν χαλκῷ ἐρυθρῷ παραχέων, κατ' ὀλίγον ἀνατρίβειν, ἕως ἂν πάχος γένηται ὡς μυττωτός· ἔπειτα, ἐπειδὴν ξηρανθῆ, τρίψας λεῖον χρῆσθαι.

7. Νυκτάλωπος φάρμακον· πινέτω ἐλατήριον, καὶ τὴν κεφαλὴν καθαιρέσθω, καὶ κατασχάσας²³ τὸν αὐχένα ὡς μάλιστα, πιέσας πλεῖστον χρόνον. Ἐπανιείς δὲ διδόναι ἐν μέλιτι βάπτων ἦπαρ βοῶς ὠμὸν καταπιεῖν μέγιστον ὡς ἂν δύνῃται, ἐν ἡ δύο.

8. Ἦν τινα οἱ ὀφθαλμοὶ ὑγιέες ἐόντες διαφθείροιν τὴν ὄψιν, τουτέῳ χρὴ ταμόντα κατὰ τὸ βρέγμα, ἐπαναδείραντα, ἐκπρίσαντα τὸ ὀστέον, ἀφελόντα τὸν ὕδρωπα, ἰῆσθαι· καὶ οὕτως ὑγιέες γίνονται.

9. Ὀφθαλμίης τῆς ἐπετείου καὶ ἐπιδημίου ξυμφέρι κάθαρσις κεφαλῆς καὶ τῆς κάτω κοιλῆς· καὶ εἰ ἔχοι τὸ σῶμα, αἵματος ἀφαίρεσις ξυμφέρι πρὸς ἕνια τῶν τοιούτων ἀλγημάτων, καὶ σικύαι κατὰ τὰς φλέβας. Σῖτος ὀλίγος ἄρτος, καὶ ὕδατος πόσις. Κατακεῖσθαι δὲ ἐν σκότῳ, ἀπὸ τε καπνοῦ καὶ πυρὸς καὶ τῶν ἄλλων λαμπρῶν, πλαγίων, ἄλλοτε ἐπὶ τὰ δεξιὰ, ἄλλοτε ἐπ' ἀριστερά. Μὴ τέγγειν τὴν κεφαλὴν, ἐπειδὴν οὐ ξυμφέρι. Κατάπλασμα ὀδύνης μὴ ἐνεούσης, ἀλλ' ὡς ρεύματος ἐπέχοντος, οὐ συμφέρι. Οἰδημάτων ἀνωδύνων καὶ μετὰ τὰ δριμέα φάρμακα τῆς ὀδύνης ἐπαλειφόμενα, ἐπειδὴν ἢ τε ὀδύνη παύσῃται καὶ διαχωρισθῆ μετὰ τὴν ἐσάλειψιν τοῦ φαρμάκου, τότε συμφέρι καταπλάσσειν τῶν καταπλασμάτων ὅ τι ἂν σοι δοκῆ ξυμφέρι. Οὐδὲ διαβλέπειν ξυμφέρι πουλὺν χρόνον, δάκρυον γὰρ

²³κατασχάσας ('tendo feito uma incisão') é, muito provavelmente, uma solução das primeiras edições impressas do tratado para um termo gravemente corrompido nos manuscritos supérstites. Adotei-a aqui, pela provável engenhosidade da sugestão e por culto à tradição ecdótica.

προκαλέεται, οὐ δυνάμενος ὁ ὀφθαλμὸς πονέειν πρὸς τὰ λαμπρά· ἀλλ' οὐδὲ ξυμμύειν πούλυν χρόνον, ἦν ἔχη ῥεῦμα θερμὸν μάλιστα· θερμαίνει γὰρ τὸ δάκρυον ἰσχύμενον. ῥεύματος δὲ μὴ ἔχοντος, μετὰ γέ του ξηροῦ τὴν ὑπάλειψιν ξυμφέρει ποιέεσθαι.

ΤΕΛΟΣ ΤΩΝ ΠΕΡΙ ΟΨΙΩΝ

REFERÊNCIAS

DAREMBERG, Charles-Victor. *La Médecine. Histoire et Doctrines*. Paris: Didier et C. Libraires-Éditeurs. 1865.

BARTISCH, Georg. *Ophthalmodulea. Das ist Augendienst*. Dresde: Matthes Stöckel. 1583. In: <http://www.archive.org/details/ophthalmoduleia00bart>

HAMBURGER, Jean. *Monsieur Littré*. Paris: Flammarion. 1988.

HIPPOCRATE. *Des lieux dans l'homme. Du système des glandes. Des fistules. Des hémorroïdes. De la vision. Des chairs. De la dentition*. Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres. 1978.

JOUANNA, Jacques. *Hippocrate*. Paris: Fayard, 1992.

KRAUSS, Johann Carl. *Afbeeldingen der artseny-gewassen met derzelver Nederduitsche en Latynsche beschryvingen*. Alemanha, 1796.
In: <http://caliban.mpipz.mpg.de/oskamp/band3/index.html>

LINEU (CAROLUS LINNÉ). *Systema Vegetabilium secundum Classes, Ordines, Genera, Species cum characteribus et differentiis*. Paris: Thyppographia Didot Junior. 1798.

LITTRÉ, Émile. *Oeuvres Complètes d' HIPPOCRATE*. Paris: J.Baillière et Fils. 1861. Tome Neuvième.

THOMÉ, Otto Wilhelm. *Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz*. Gera, Alemanha, 1885. In: <http://caliban.mpiz-koeln.mpg.de/thome/index.html>